

EUA continuam vulneráveis a novas crises, diz Barnett

Sergio Lamucci
De São Paulo

A grande flexibilidade da economia americana deve levar os Estados Unidos a se recuperar da crise e superar a estagnação, mas o país continua vulnerável aos mesmos problemas que levaram à enorme turbulência de 2008, adverte o professor William Barnett, da Universidade de Kansas. Para ele, o uso de estatísticas monetárias de má qualidade pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano) levou tanto o setor privado quanto o próprio Fed a tomarem decisões com base em informações inadequadas, o motivo decisivo, segundo ele, para a eclosão da

crise, e um problema que segue presente. "As causas reais da crise não foram adequadamente enfrentadas", diz Barnett, que falou ao **Valor** por e-mail.

"Os meus dados mostram que o crescimento das taxas de agregados monetários antes da crise eram muito maiores do que os números do Fed indicavam. Como resultado, a política do Fed alimentava as bolhas sem que o conselho do banco soubesse disso", afirma Barnett, que critica o uso pelos bancos centrais da soma simples de agregados monetários — o mais adequado, segundo ele, é utilizar um indicador que leve em conta a evolução ponderada da taxa de crescimento desses agregados (que vão do papel moeda em circulação e os depósitos à vista até os títulos da dívida pública e alguns títulos privados).

Barnett era um dos principais convidados do seminário "Avanços na macroeconomia", que ocorrerá de hoje a sábado no Rio de Janeiro, em comemoração aos 50 anos da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mas, ele desistiu da viagem já que não conseguiria chegar a tempo ao Rio, porque tornados fecharam aeroportos nos EUA. Para Barnett, a combinação de política monetária muito frouxa e desregula-

ção do sistema financeiro de fato contribuiu para a eclosão da crise, como defendem muitos analistas, mas a fonte mais profunda dos problemas é a questão do mau uso de dados monetários.

O economista observa que, nos anos que levaram a crise, "a complexidade financeira aumentou dramaticamente como resultado de inovações como os swaps de default de crédito (CDS, na sigla em inglês)". Nesse quadro, era fundamental ter mais informações, e de melhor qualidade. "Mas, em vez disso, a quantidade e a qualidade dos dados provenientes do Fed pioraram. Uma economia privada e descentralizada não pode operar adequadamente sem que os agentes sejam bem informados. A necessidade de informação aumentou, mas a disponibilidade e qualidade da informação diminuiu."

Dada a capacidade de reação da economia americana a choques adversos, Barnett diz esperar a recuperação dos EUA, que ainda mostra uma atividade econômica hesitante. O setor privado, acredita ele, tem hoje um entendimento mais claro dos riscos na economia. "Ninguém mais acredita nos mitos sobre como os bancos domaram permanentemente o ciclo de negócios." Apesar disso, a economia americana deverá continuar vulnerável aos mesmos problemas de

antes, resultantes de um setor privado informado de modo inadequado, num ambiente econômico cada vez mais complexo, adverte o economista, que por oito anos trabalhou na divisão de estudos especiais do Fed.

Barnett mostra ceticismo quanto à política de afrouxamento quantitativo promovida pelo Fed, marcada pela compra maciça de títulos públicos e privados. "O chamado afrouxamento quantitativo levou a um enorme aumento das reservas bancárias acumuladas pelos bancos e não emprestadas. Como o Fed paga juros sobre elas, por que os bancos deveriam assumir o risco de fazer empréstimos?", pergunta ele, para quem é "irrelevante" se o Fed continua ou não com a segunda rodada do afrouxamento quantitativo. "Com ele ou sem ele, diz Barnett, o Fed está olhando em todas as lugares errados em busca de indicadores para definir sua política. "Os meus dados sugerem que, uma vez que a crise financeira começou, a política do Fed se tornou extremamente restritiva, tornando desse modo a recessão na 'Grande Recessão'."

Barnett combate a tendência de se buscar bodes expiatórios que surgiu depois da crise. Para ele, a questão é que as pessoas tomaram decisões com base em informações inadequadas, de má qualidade.



Barnett: "As causas reais da crise não foram adequadamente enfrentadas"